

CORREIO POLÍTICO

Lula Marques/ Agência Brasil.



CAE tem a expectativa de hoje ouvir Daniel Vorcaro

Impressões sobre o Banco Master

Até o momento de fechamento desta coluna, ainda não se sabia se Daniel Vorcaro, o dono do Banco Master, compareceria ou não na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado para depor. Na CAE, a avaliação de que legalmente sua situação não mudara daquela que havia quando o presidente da comissão, senador Renan Calheiros (MDB-AL), fora até o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) André Mendonça negociar as condições do seu depoimento. Renan dissera na ocasião que os advogados de Vorcaro indicaram sua vontade de depor. Vorcaro, então, estava em prisão domiciliar, com tornozeleira eletrônica. Ou seja, naquele momento, ele já estava sob a tutela do Estado.

Mendonça deu a prerrogativa

Mas, é claro: do ponto de vista político a situação se agravou após a segunda prisão. E Mendonça deu a Vorcaro a prerrogativa de comparecer ou não. Mas a expectativa na CAE cresce. Porque há uma série de questões que os senadores ali gostariam de ver esclarecidas. No complicado jogo de empurra entre oposição e governo quanto a quem jogar a responsabilidade pela crise. O Master conseguiu criar uma teia impressionante de proteção.

Reprodução / Internet



Vorcaro criou em torno de si enorme rede de proteção

Conjugação de três fatores

A avaliação em torno de como chegou a esse ponto a crise do Banco Master é que tudo se deu pela conjugação de três fatores. O primeiro vem das brechas nas regras do sistema financeiro, a forma como o Master se pendurou no Fundo Garantidor. Sabendo-se agora que o senador Ciro Nogueira (PP-Pi) tentou uma emenda na PEC de autonomia financeira do Banco Central aumentando o limite que o fundo viria a garantir. O segundo fator, a cegueira fiscalizatória da autoridade monetária. O terceiro ponto é a enorme teia de proteção política.

Pirâmide com CDBs

Na avaliação técnica que se faz na CAE, Vorcaro foi montando uma espécie de esquema de pirâmide usando Certificados de Depósito Bancário (CDBs). O Master oferecia uma rentabilidade altíssima imaginando que um outro investidor fosse cobrindo o rombo, como nas pirâmides. E buscando, então, ampliar a teia de proteção para não responsabilizado.

POR
RUDOLFO LAGO

Dinheiro público

O passo seguinte foi começar a tentar se proteger com o uso de dinheiro público. Então, entram aí os consignados de aposentados e servidores públicos a partir das operações com a compra do CredCesta do governo da Bahia. É o principal ponto que conecta a crise do Master com a CPMI do INSS.

BRB

Vai, então, para a tentativa de venda primeiro para a Caixa e depois para o Banco de Brasília (BRB). Venda que não se concretizou porque antes o Banco Central liquidou o Master. Venda que seria engordada pelos créditos falsos dos consignados dos professores da Bahia, como denunciou o Correio da Manhã.

Mais alto

Mas há quem desconfie que há algo acima do Master e alguém acima de Vorcaro. Como já disse aqui o Correio Político um comando mais alto que o de um banco considerado pequeno no mercado financeiro. Para alguns, Daniel Vorcaro não seria o ponto mais alto desse intrincadíssimo esquema.

Lavanderia

O que se desconfia é que se montou uma enorme lavanderia a partir das fintechs e dos bancos menores. Beneficiada, como já dissemos por aqui, por uma certa leniência dos mecanismos de fiscalização. Os primeiros sinais de que algo estava errado foram dados na Operação Colossus, em 2022, que investigou operações com criptomoedas.

STF

De qualquer modo, a ousadia com que Vorcaro operou hoje gera grandes constrangimentos. Dois atuais ministros do Supremo e um ex-ministro têm hoje conexões: Dias Toffoli, Alexandre de Moraes e Ricardo Lewandowski, que foi ser consultor do banco entre deixar o STF e assumir o Ministério da Justiça.

Explicações

Pode haver explicações para cada caso. E para as demais conexões. Com o Centrão, com a direita, com o PT. O que, porém, parece inegável é que Vorcaro procurou se cercar de proteção e contatos da forma mais ampla possível. O que ele queria e até onde conseguiu chegar, é isso que a CAE espera que explique.



Haddad deve deixar ministério para disputar São Paulo

Haddad deixa ministério na próxima semana

Expectativa é que ele concorra ao governo de São Paulo

Por Gabriela Gallo

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, deve deixar a pasta na próxima semana. Ele já tinha confirmado que deixaria a pasta. Inicialmente, tinha a intenção de coordenar a campanha à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mas a expectativa agora é que ele deixe o poder Executivo para concorrer ao governo do estado de São Paulo.

Apesar de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ainda não ter oficializado seu palanque para São Paulo nas eleições em outubro, as expectativas são que o petista anuncie a candidatura de Fernando Haddad para governador e lançar como chapa para o Senado o vice-presidente e ministro de Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin (PSB), e a ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet (hoje no MDB, mas que saíria para o PSB).

A especulação quanto à saída de Haddad para disputar São Paulo é anterior ao resultado das pesquisas Datafolha sobre as intenções de voto para o governo de São Paulo, divulgada neste domingo (8). De acordo com o levantamento, o atual governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) é o favorito para a reeleição. Mas Haddad e Alckmin aparecem em segundo.

Em um primeiro cenário fictício de primeiro turno, com

Fernando Haddad sendo o representante do governo, Tarcísio de Freitas conta com 44% das intenções de votos e o então ministro da Fazenda com 31% das intenções de voto. Em um segundo cenário fictício de primeiro turno, desta vez com Geraldo Alckmin como o representante do governo, Tarcísio tem 46% das intenções de voto e Alckmin 26% dos votos. Em um terceiro cenário, com Simone Tebet, Tarcísio já estaria praticamente eleito, com 49% das intenções de voto e Tebet com 19%.

Já em relação a um eventual segundo turno entre as alternativas ao governo do maior colégio eleitoral do país, Tarcísio segue na frente. Em um eventual segundo turno entre o governador e o ministro da Fazenda, Tarcísio tem 52% das intenções de voto e Haddad 37% das intenções de voto. A divisão é semelhante entre Tarcísio e Alckmin, na qual o governador tem 50% das intenções de voto e o vice-presidente 39%.

Nos demais cenários, Tarcísio apresenta maior folga. Entre ele e Simone Tebet, o chefe do Executivo local tem 58% das intenções de voto e a ministra do Planejamento 28% dos votos.

Vale destacar que, apesar de ter uma quantia considerável de votos, o ministro da Fazenda é o candidato que apresenta maior taxa de rejeição em comparação aos demais candidatos, com 38%.